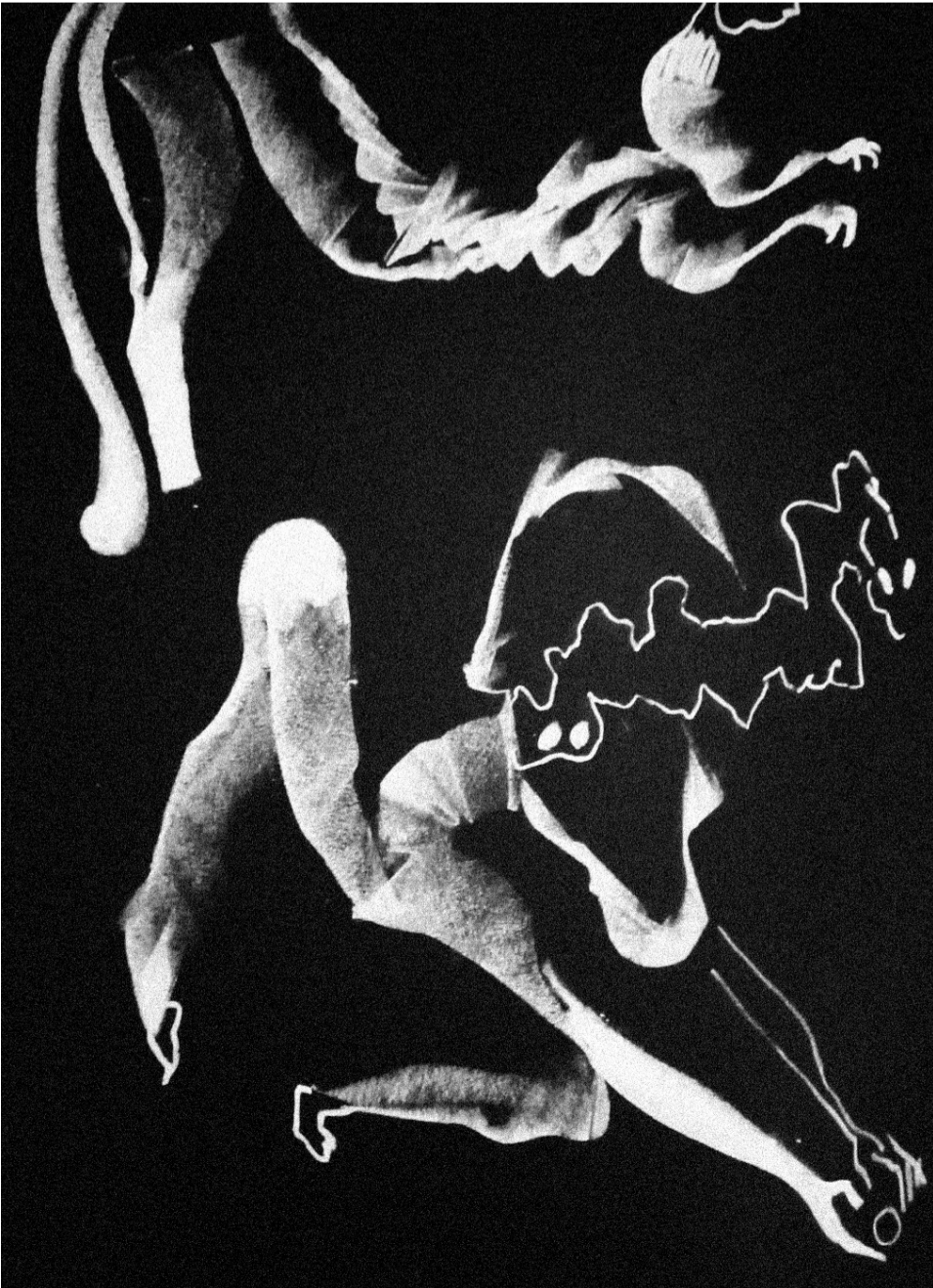
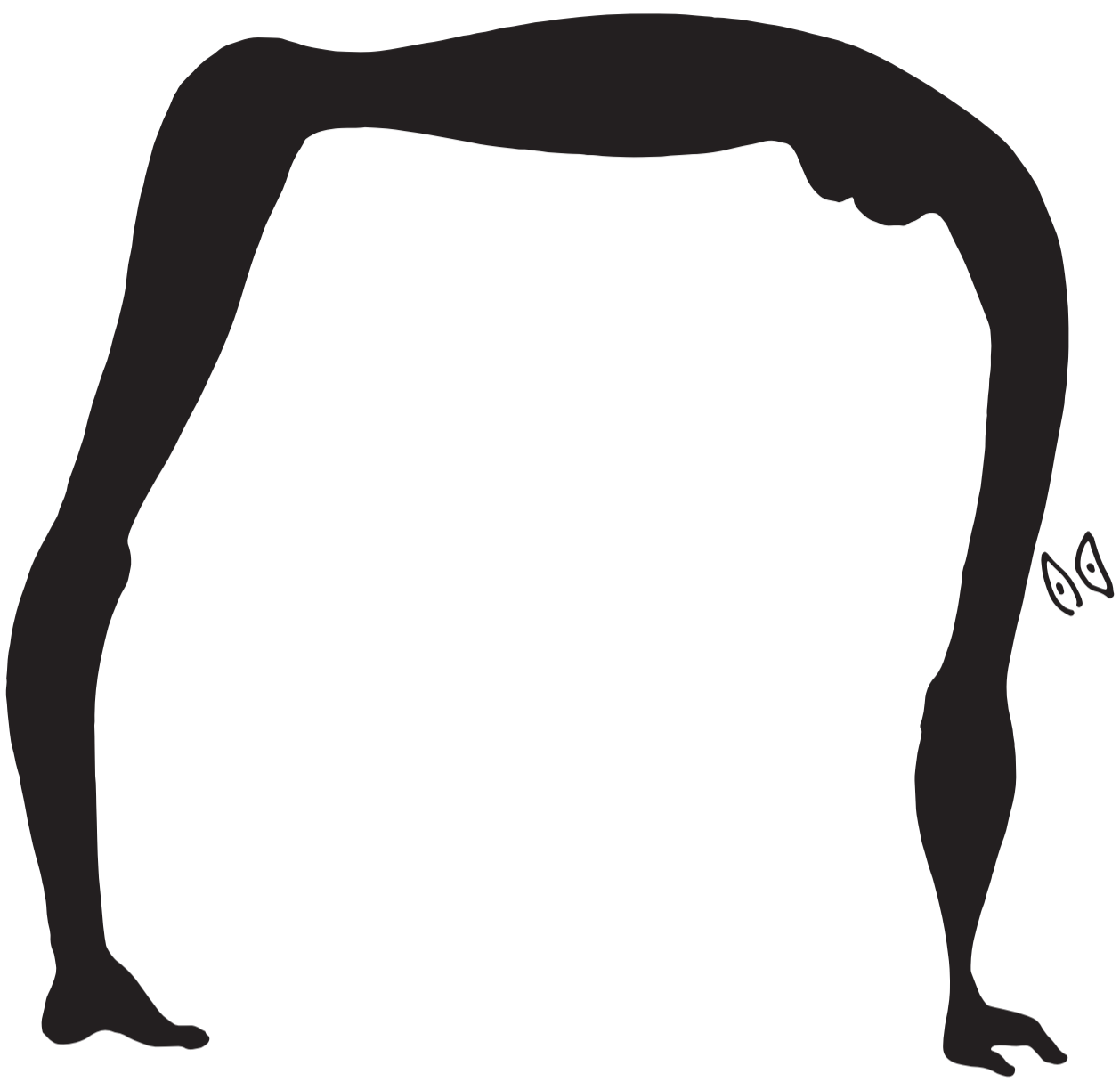
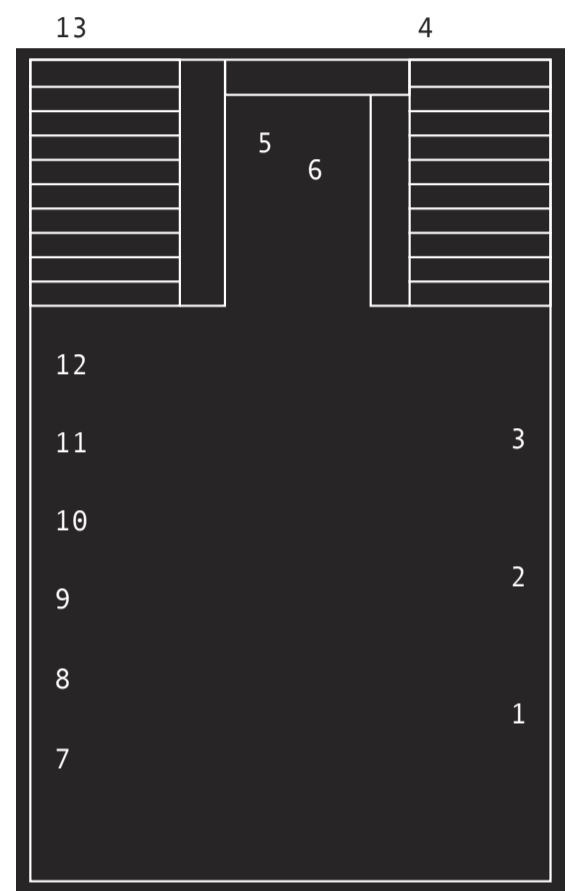
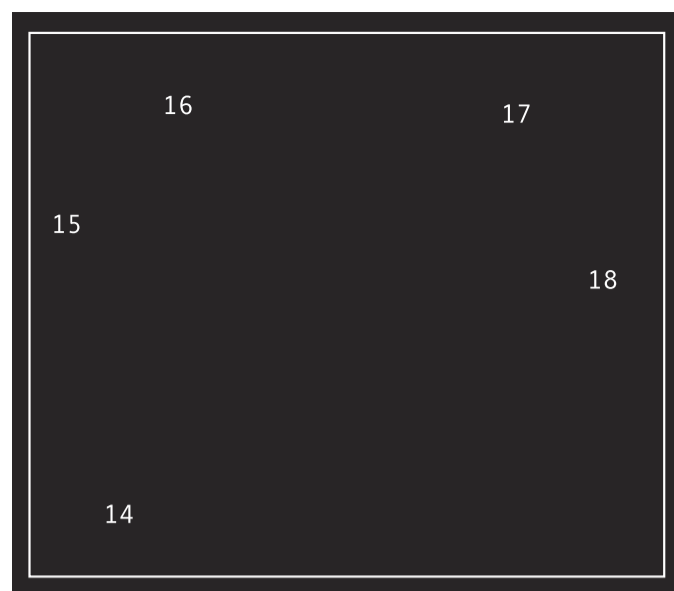


salal117



- |  |  |
|--|--|
| 1. A barriga do coincidente<br>Acrílico sobre Tela<br>100 x 70 cm . 2019   | 14. Olha-boca<br>Linóleo, tinta esmalte<br>e luz<br>160 x 64 cm . 2019   |
| 2. O olho fruto e o salto<br>que antecipa<br>Acrílico sobre Tela<br>100 x 70 cm . 2019   | 15. Eye-vo-re<br>Video, 3'30"<br>(loop), cor e som . 2020  |
| 3. Thaum Idesthai<br>Acrílico sobre Tela<br>100 x 70 cm . 2019   | 16. Alvo-Ventosa<br>Arame, tecido, gesso,<br>tule, tinta de esmalte,<br>fio e sedielas<br>Medidas variáveis . 2020 |
| 4. Sopro-louvor<br>Leque (papel e madeira)<br>pintado com tinta da<br>china, pastel de óleo<br>e spray de esmalte<br>90 x 156 cm . 2017 - 2020 | 17. Viço-laço<br>Linóleo e tinta de esmalte<br>212 x 67 cm . 2019  |
| 5. Aranhaço<br>Ferro soldado, cerâmica<br>e caneta acetato<br>130 x 40 x 40cm . 2019   | 18. (de esquerda a direita)<br>Fila cima:<br>Dança-breve<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020        |
| 6. Pedrogulho<br>Gesso e tinta da china<br>10 x 11 x 13 cm . 2020  | Mimo-ver-te<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020   |
| 7. Caça-hybris<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020  | Cobra-flor<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020  |
| 8. Espanto-livre<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020  | Fila baixo:<br>Pitonisa<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020   |
| 9. Louvor<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020   | Salto<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020   |
| 10. Pele-veado<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020  | Sangue-seiva<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020  |
| 11. Senhor Bu<br>Bambu, tecido, arame<br>e tinta acrílica<br>Medidas variáveis . 2020  |  |
| 12. Aposkopein<br>Pastel de óleo sobre papel<br>70 x 50 cm . 2020  |  |
| 13. O odor da pantera<br>Tecido e caneta<br>435 x 156 cm . 2019  |  |



Eye-vo-re  
25.01 – 14.03.2020

direção artística  
Olinda Magalhães

assistente  
Adrian Conde Novoa

design gráfico  
TheBlackestBlack  
+ Paulo Mariz

fotografia  
Filipe Braga

“O mundo nunca deixa de rescrever a sua história, de a bifurcar no destino de cada um dos seus habitantes, humanos e não humanos. Estar no mundo não significa já encontrar-se no interior de uma linha de horizonte fechada e longínqua: significa, bem pelo contrário, segregar esse horizonte a partir do seu próprio corpo, engendrar o mundo e povoá-lo, minuto a minuto, com novos habitantes.” Emanuele Coccia, in A Vida das Plantas

“L’homme serrait le plus heureux des êtres si du seul besoin qu’il a dune illusion quelconque ne naissait aussitôt la réalité.” Marquis de Sade

Integrada num trabalho de continuidade a exposição individual da artista Mariana Barrote (Fão, 1986) Eye-Vo-Re (título tomado de empréstimo a Roger Caillois - em O Mito e o Homem), é em si uma comunicação secreta entre camadas de camuflagem. Toda a exposição centrar se-á em três grandes gestos, como uma incursão pelo território íntimo e ambivalente. Neste labirinto, o confronto é iniciado pelo desenho, que se desdobra em pintura e nasce do olhar devorador de formas, - aglutinando sensações lidas pela retina, - e devolvidas através da memória, no gesto da mão. A vertigem do desenho é o gesto transformador do corpo, que leva tudo, assumindo características diferentes sem se fechar numa única anatomia. Em continuidade ao desenho e à pintura, diferentes objectos, - o nosso fio de Ariane, todos espelham diferentes corpos pelo espaço da galeria. Reencontramos o seu todo, neste caso os objectos, num único palco, a vibrar nos planos do vídeo, composto por três actos e envolvido por uma atmosfera sonora de sons de anfíbios. Sabemos que esta poesia global não se vence por um discurso apenas mitológico, mas antes pela experimentação de múltiplos sentidos, enquanto transe de vida na relação com o outro, na relação com o eu, voltado para si próprio e para os seus ilusórios iguais.

Os ritmos monocromáticos dos desenhos ganham o pulso de uma dança entre referências, onde cada olhar encontra a sua própria correspondência, num processo de aproximação. Primeiro através de uma câmara clara, e à medida que se avança, perpassando uma

cortina, - através de uma transformação táctica parecemos entrar já noutra lugar, isto é um lugar interior, como se entra no interior do ventre de uma baleia. Neste novo espaço ganhamos carga semântica, sombras duras são o desenho oferecido por um totem. À medida que nos aproximamos desta divindade de formas sentimos a sua simbologia e ad infinitum as imagens que comunicam secretamente. Neste outro espaço, câmara escura, cada desenho é como o odor da pantera. Aquele odor que nos seduz e que nos devora. O gesto do desenho é marcial, como também é o gesto do louva-deus, que na sua espera solitária de samurai se desvenda, se revela e vence.

A importância do nome de cada obra em toda a exposição amplia o sentido da instrumentalização da nossa imaginação e é em si uma aprendizagem. Sabemos que esta súpula do mundo não é mais do que a ‘tradução’ do olhar e da mão que faz o seu sentido, surgindo aos poucos, tal como passos e movimentos novos numa dança. Obras como Olha-boca, Alvo-ventosa, Senhor Bu, Viço-Laço, Cobra-Flor, Sangue- Seiva, ou Supro-Louvor, é o início da descoberta do “eu”, só possível na presença do outro.

Eye-Vo-Re devora-nos, e exige a coragem do tempo da aproximação. Recorrendo a detalhes e a momentos de encontros e prazeres súbitos, numa dança que se faz devagar, aumenta gradualmente a velocidade, e com ela as construções do mundo. Erótica entre gestos camuflados, toda a exposição é a deliciosa sequência de passos e contrapassos, povoada de seres diferentes que respondem a um desejo que nos apela, e nos fere de tanta delícia. Metamorfoses e repetição diante diferentes meios, são uma narrativa aberta para o nosso processo de autoconhecimento. Começamos a sentir que aqueles seres alcançam o nosso imaginário utópico como num sonho balsâmico.

RITA ROQUE